

# Nova etapa para a dívida externa, dentro de nova estratégia

José Antônio Martins (\*)



*As promessas de revisão da dívida externa brasileira, emitidas pelo presidente eleito dos EUA, não devem iludir aqueles que ainda tratam esse problema com um mínimo de seriedade. É verdade que, na confusa situação financeira do Brasil, qualquer sinal de movimento da parte dos credores já é suficiente para as mais exageradas expectativas de otimismo. Entretanto, uma nova etapa no tratamento da dívida externa brasileira deve ser vista apenas dentro de um quadro mais amplo das atuais e futuras relações econômicas internacionais.*

*Em primeiro lugar, deve-se descartar qualquer solução mirabolante do problema. Por exemplo, que tanto o governo americano quanto os bancos credores estejam interessados em perdoar, pura e simplesmente, grande parte da dívida. Ou de fixarem uma baixa taxa de juro (falou-se nos últimos dias até de 4% ao ano). Acreditar em coisa tão simplória é mais um sinal da confusão e leviandade que marcam o comportamento do governo brasileiro frente a esse problema, desde quando ele apareceu por volta de 1981.*

*O problema da dívida não é mais tão importante para os países credores como era no começo da década. Deixou de ser uma ameaça para a vida dos bancos e passou a ser apenas um importante instrumento de negociação estratégica entre credores e devedores. Para estes últimos, entretanto, o peso crescente do problema é por si só um elemento a mais para permanecerem amarrados ao curto prazo de uma verdadeira crise financeira.*

*É muito ilustrativa a idéia do presidente do First Boston Bank. Ele tem sugerido para a dívida o mesmo tratamento dispensado à Chrysler no final dos anos 70, quando esta empresa*

*estava em crise e Lee Iacocca assumiu sua direção. Na realidade, tanto o governo americano empesou uma quantia enorme — em torno de US\$ 3 bilhões — quanto os bancos credores daquela empresa concordaram em receber um serviço menor durante um certo tempo. Em contrapartida, tanto o governo quanto os bancos ganharam uma opção nas ações da Chrysler. Na medida em que esta empresa recicla sua produção, os lucros voltaram em grande escala. Todos ganharam, empresa e bancos. O governo limitou-se a repassar suas opções para a Chrysler, aumentando um pouco mais o enorme déficit público americano.*

*O mais importante de tudo isso é a idéia de uma nova estratégia de negócios, que ultrapassa em muito o*

*mero problema da dívida com os países latino-americanos. Nesse sentido, é muito ilustrativa também a súbita redescoberta do Brasil como a sétima economia industrial do Ocidente. No "Relatório anual de 1989 sobre a economia e o clima mundial dos negócios", uma grande firma americana de consultoria (Coopers and Lybrand) coloca o Brasil entre os nove mercados estratégicos para investimentos. Os outros oito mercados são: EUA, Japão, Alemanha, França, Reino Unido, Itália, Índia e China. E só. Todos os outros mercados, incluindo Canadá, Espanha, México, Argentina e, muito importante, os badalados "tigres asiáticos", são considerados no relatório "mercados secundários".*

*Na atual situação econômica internacional, os*

*EUA podem estar voltando seus olhos para este grande mercado que é o Brasil. Em primeiro lugar, porque a solução de seu gigantesco déficit comercial poderia ser facilitada com a elevação de suas exportações para o Brasil. Mas isso não é o mais importante. Na nova conformação mundial em grandes blocos econômicos, os EUA podem estar interessados em que o Brasil penda mais para o bloco EUA-Canadá-México do que para a CEE-92, ou para o bloco do Pacífico, com Japão e seus "tigres". Podem estar achando que essa integração da economia brasileira ao seu bloco é uma coisa mais do que natural, como foi até os anos 50 e 60.*

*Pode-se perceber que as promessas de revisão da dívida externa não são apenas um sinal de boa vontade*

*de do novo governo americano. Talvez estejamos entrando realmente em uma nova etapa desse problema. Nesse sentido, a solução da dívida — incluindo formas de redução e de pagamento de menores juros — coloca novos e maiores problemas, de ordem estratégica, que vão decidir a forma de integração do Brasil às novas condições produtivas mundiais.*

*Uma alta fonte do governo americano simpática à "fórmula Chrysler" sentencia: "O que precisamos ter, no caso da América Latina, é uma fórmula como essa e um Lee Iacocca dirigindo suas economias de maneira correta".*

*O atual presidente brasileiro não veste, certamente, o figurino de um estadista capaz de enfrentar esses desafios. Em negociações internacionais tão delicadas como essas que estão*

*despontando, uma condição primordial no atual clima internacional é a existência de estadistas e regimes com forte legitimidade democrática, acompanhados de novos projetos de desenvolvimento nacionais. Tudo isso nos falta, evidentemente.*

*A defasagem do Brasil perante o mundo é menos econômica e muito mais política. E por isso que se pode lamentar, neste final de ano, que a prorrogação do mandato do presidente Sarney prorrogou também as efetivas possibilidades de se começar a resolver o problema da dívida. Continuamos na década de 70.*

*(\*) Doutor em Economia pela Universidade de Paris; professor de Economia Internacional da Fundação Getúlio Vargas — São Paulo*